

RESENHA

MARXISMO E FEMINISMO

MOJAB, Shahrzad (ED.) *Marxism and Feminism*. Zed Books London, 2015. (Sem tradução para o português).

Aline Hamdan

Mestranda em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: alinehamdan@gmail.com.

Este livro foi publicado em 2015 com o intuito de trazer reflexões contemporâneas sobre a relação do marxismo com o feminismo e é o resultado de uma construção coletiva que será apresentada sucintamente em 16 capítulos. A editora Shahrzad Mojab¹ contempla tais conceitos através da centralidade da classe no feminismo. A maior parte das discussões foi o resultado de anos de conversas com colaboradores, estudantes de graduação e de um grupo teórico de estudos marxistas realizado no verão europeu ao longo dos anos anteriores à edição. Neste grupo, ela compreendeu o materialismo dialético e histórico como ciência, filosofia, método e, de forma mais significativa, um modo de interpretar Marx e o feminismo. Este livro foi planejado para estudantes e ativistas que desejam aprofundar os debates metodológicos sobre as ideias feministas voltadas a uma transformação social revolucionária.

Shahrzad, no primeiro capítulo, delineia um panorama entre a primeira “Grande Guerra”, na qual estados capitalistas trouxeram imensa destruição de vida e propriedade para todo o mundo e a conjuntura atual, com novos conflitos imperialistas que devastaram principalmente os países periféricos. Enquanto alguns autores preferem acentuar a tênue linha entre marxismo e feminismo, a autora pretende demonstrar a superação das divergências teóricas pelo método dialético do materialismo histórico.

Uma das grandes preocupações do livro é a renovação das ideias marxistas após a restauração do capitalismo na Rússia (1956) e China (1976) (página 23). Isto porque, quando se trata de marxismo-feminismo, após este período, muitas feministas ficaram desiludidas, outras se identificam apenas como materialistas. Desta forma é necessário um resgate histórico para reacender a produção teórica que irá refletir na prática revolucionária. Além disso, aponta uma saída do conformismo a partir do momento em que a esquerda não consegue compreender que a opressão das mulheres tem sido fundamental na criação das condições para a exploração capitalista de todos

¹ A editora é uma feminista iraniana que é professora do Departamento de Liderança e Ensino Superior de Adultos da Universidade de Toronto. Além disso, foi diretora do departamento de gênero. Suas áreas de pesquisa e ensino incluem estudos de políticas educacionais; gênero, estado, diáspora e transnacionalidade, a guerra, a militarização e a violência o antirracismo, o colonialismo e o imperialismo.

os trabalhadores.

O comunismo envolve o desmantelamento de um sistema social desigual, mas ao tratar das opressões de gênero, é preciso enfatizar que o patriarcado reproduz a hierarquia caracterizada pela dominação masculina. O poder masculino é exercitado por coerção e consentimento, o consentimento é criado por família, religião, ideologia, cultura, idioma, literatura, arte, folclore, educação e todas as outras instituições culturais, enquanto a violência física é perpetrada por machos, pela polícia, pelos exércitos, a lei e os tribunais (página10).

Ainda nesta parte introdutória, Shahrzad descreve a influência norte-americana através da CIA, em 1953, no Irã e as consequências imperialistas que vão resultar no fundamentalismo, na perseguição aos comunistas neste país e na perda de direitos das mulheres após este período. Ela ressalta que os grupos comunistas no Irã eram os defensores mais persistentes da emancipação das mulheres naquela época, mas, com o retorno do Xá, a oposição política foi praticamente esmagada.

Nas insurreições que ocorreram em 2010 na Tunísia e que se espalharam por todo o Oriente Médio e Norte da África, as mulheres organizadas exigiram o desmantelamento das relações patriarcais mas também lutaram com os homens lado a lado contra os regimes totalitários. As relações de gênero reproduzem as opressões dos processos sociais, assim, um ataque às mulheres é considerado também uma perda para a classe proletária.

Por isso, a desvinculação do feminismo destas relações e o enquadramento como uma questão cultural é um reducionismo da teoria política, essa perpetuação relativista é um obstáculo à emancipação humana e um retorno ao essencialismo.

Frigga Haug, socióloga e psicóloga pela Universidade de Berlim, nos dois capítulos seguintes, aborda as relações de gênero e a relação de Marx com o feminismo, sucessivamente. Eles são introduzidos pela autora através da menção à grande contribuição teórica de Marx para o feminismo que foi a concepção de que as relações de produção são relações de reprodução dos meios de vida.

Esse assunto foi abordado nos livros “A origem da propriedade

privada, da família e do Estado”² e “A Ideologia Alemã”³, nos quais, o primeiro caracteriza a propriedade privada como o alicerce da desigualdade de gênero e a heteronormatividade que desenvolveu a ideia da mulher como vítima e sua subjugação na família em todo o sistema patriarcal. O segundo, ao tratar da refutação às teses de Feuerbach, também se torna significativa para a crítica feminista por uma ciência popular. Segundo Frigga Haug, as ciências sociais eram construídas sem levar em consideração as experiências e práticas de mulher, o que constituiria o cerne do materialismo histórico com perspectiva de gênero.

Por outro lado, Marx, ao focalizar o salário no trabalhador masculino e a tarefa de sujeito político à classe trabalhadora, remete o papel histórico como ganha-pão familiar ao proletariado. No entanto, o trabalho das mulheres produz mais do que o necessário para sua própria reprodução e a família é central na produção social. Outras críticas foram sendo feitas pelas autoras feministas porque Engels, por exemplo, evidenciou muito material para provar a subjugação de mulheres, porém não enfatizou que tais relações de gênero determinam a sociedade inteira e não são restritas à esfera doméstica (página 56).

Para aprofundar tal debate, ela cita Donna Haraway⁴, feminista com formação em tecnociência, que reivindicou a tese da tecnologia a serviço também da questão de gênero. Para ela, a explicação da opressão de mulheres pelo sexo-gênero-sistema⁵ era através do essencialismo biológico centrado na capacidade reprodutiva e na família, essa crítica foi fundamental para pensar o gênero enquanto uma construção social.

Outra contribuição crítica ao feminismo foi a radicalização da representação da natureza socialmente construída pelo gênero, cujo campo de batalha que é a construção de identidade, apresentada por Butler⁶. Outra

² Marx, Karl. and Engels, Friedrich. *The German Ideology*, London: Lawrence and Wishart, 1970.

³ Engels, Friedrich. *The Origin of the Family, Private Property and the State*, Chippendale, Australia: Resistance Books, 2004.

⁴ Haraway, Donna. (1988) “Situated knowledge: the science question in feminism and the privilege of partial perspective”, *Feminist Studies*, 14(3): 575–99.

⁵ Essa expressão “sex-gender-system” foi traduzida literalmente como sexo-gênero-sistema e foi utilizada pela primeira vez no texto na página 45 pela Haraway.

⁶ Butler, Judith. (2006) *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*, London: Verso.

perspectiva interessante foi quando Nancy Frase⁷ criticou Habermas⁸ na análise da sociedade moderna como um paradigma androcêntrico.

Em determinado fragmento do capítulo, Frigga inicia a discussão sobre o conceito marxiano de trabalho e a teoria da mais-valia. Assim, algumas pensadoras marxistas também atribuem ao serviço doméstico a produção do valor enquanto força de trabalho sendo o trabalho na forma de mercadoria. O que as feministas discutem é a revalorização do trabalho doméstico, afinal o domínio privilegiado do trabalho social deveria agora ser ocupado por mulheres e por tal autoridade enfraquecida.

Também na análise do trabalho na família, Lênin⁹ achava que a tarefa principal para o movimento das mulheres proletárias seria a inclusão delas no trabalho socialmente produtivo, para tirá-las da escravidão do lar. Hodiernamente no denominado terceiro mundo, o empobrecimento feminino é ainda gradualmente pior no sistema neoliberal. No dito primeiro mundo, por outro lado, as mulheres ocidentais também estão sendo mantidas economicamente dependentes na produção do lucro pelo patriarcado capitalista.

No texto seguinte, são feitas reflexões sobre raça como categoria do gênero e da classe por Himani Bannerji, professora do Departamento de Sociologia da Universidade de York, Toronto. Neste contexto, a combinação de raça, gênero e classe é muitas vezes expressa através do conceito de interseccionalidade. A partir desta representação, são consideradas como três vertentes particulares de relações sociais, práticas ideológicas da diferença e poder num terreno social específico de experiência social.

A coalizão entre estes três segmentos é uma tática que reflete a lógica agregadora pluralista das opressões. Tradicionalmente, o positivismo marxista classifica o sexo e a raça como questões sociais da classe e as enquadra no *status* de contradições secundárias, pois são vistos como formas culturais de desigualdade. Atualmente, os principais movimentos de trabalhadores

⁷ Fraser, Nancy. (1994) *Widerspenstige Praktiken. Macht, Diskurs, Geschlecht* [Unruly practices: power, discourse and gender in contemporary social theory], Frankfurt: Suhrkamp.

⁸ Habermas, Jürgen. (1981a) *Theorie des kommunikativen Handelns* [Theory of communicative action], vol. 1, Frankfurt: Suhrkamp. — (1981b) *Theorie des kommunikativen Handelns* [Theory of communicative action], vol. 2, Frankfurt: Suhrkamp.

⁹ Lenin, V. I. (1961) *Gesammelte Werke* [Collected writings], vol. 30, Berlin: Dietz.

ocidentais identificam as questões da raça como a política de discurso ou identidade étnica/cultural. Porém, no neoliberalismo, entrelaçados, o processo de extração de mais-valia aumenta sua taxa de lucro com base no gênero e na raça.

O que importa para a autora é que, na teoria feminista, não deve haver uma dilaceração das lutas por conta da dessocialização da categoria gênero na classe e na raça, no então pensamento colonial. Porém, a implementação de uma agenda política de classe média das mulheres brancas tem ocultado a relação de dominação que alguns grupos sociais de mulheres detêm em relação a outros grupos. Para marxistas ortodoxos, na leitura ideológica ou economicista da classe, o hábito de separar classe da cultura e das relações sociais de gênero acaba se comprometendo com uma política pequeno-burguesa.

No capítulo seguinte escrito por Sara Carpenter, professora de estudos de gênero da Universidade de Toronto, é analisado o conceito de democracia com a crítica de Marx remetendo ao uso histórico da palavra ao pensamento burguês bastante distorcido do uso original. O resultado deste desvio é que a democracia tem sido frequentemente utilizada como crise para rotular toda a materialidade, o domínio político, social e cultural por uma sensação persistente de instabilidade. Além disso, outra problematização concerne sobre a igualdade num regime de liberdade política que paradoxalmente nega a desigualdade da vida material, na verdade, esta "liberdade" é a liberdade de aspirar a ser um capitalista, esta sim é mantida pelas leis formais do sistema capitalista que é coercitivo. Assim se entende que nestas relações materiais de produção, demandas feministas ficam sem resposta. Por esta razão, a emancipação política se desenvolve como o limite da liberdade dentro da sociedade capitalista, uma contradição da democracia burguesa.

Após esta digressão sobre a liberdade delimitada, ela retoma a questão do corpo das mulheres como uma regulação neste âmbito da violência que é a imposição do estado democrático de direito. Ao mesmo tempo em que a sociedade educada debate o empoderamento das mulheres da classe média em todo o mundo, o patriarcado as aterroriza, rouba e viola a privacidade e

ainda explora o trabalho sexual. A luta de gênero, então, também deve se voltar contra o controle sobre a sexualidade, nas reivindicações levantadas pelas feministas em torno de contracepção, aborto, saúde e capacidade reprodutiva. Para dismantelar a democracia burguesa, é preciso ir de encontro à naturalização deste regime e alcançar a sua destruição assim como do capitalismo patriarcal.

No capítulo seguinte, sobre financeirização por Jamie Magnusson, professora da Universidade de Toronto, disserta-se sobre o impacto financeiro global de 2008 no aumento do tráfico sexual. Essa temática foi escolhida como objeto de análise, em parte, porque foi seu trabalho com as mulheres e jovens que foram traficadas e a exploração sexual tornou-se um produto das economias ilegais. Para a autora, este comércio representa uma forma brutal de acumulação primitiva, e pode tornar-se lícita através da posterior negociação financeira garantindo riqueza e poder político. Por exemplo, em um estudo, a prostituição, na Tailândia, foi estimada entre U\$ 22 bilhões e U\$ 27 bilhões em lucro, compreendendo cerca de 10 a 14 por cento do PIB do país¹⁰.

A indústria do turismo multibilionário, referido como o "O Milagre Econômico", é organizada em torno de turismo sexual. Em referência a Cuba e República Dominicana, o trabalho sexual enche os cofres destes países cuja sobrevivência econômica depende cada vez mais dos interesses globais corporativos. Ao mesmo tempo em que tanto dinheiro está sendo feito através do tráfico sexual pelo crime organizado, há uma imensa expansão global do estado carcerário, bem como da infraestrutura transnacional militarizada. A militarização viabiliza a acumulação através do exercício de violência ou ameaça de violência às mulheres e gera milhões de dólares para o patriarcado por conta do tráfico interno mas também da expansão do internacional.

O projeto revolucionário feminista que flui a partir desta análise crítica é, portanto, de âmbito internacional e centra-se em lutas anti-patriarcais no dismantelamento do capitalismo militarizado através da práxis feminista e também antirracista.

No capítulo sobre Ideologia, Himani Bannerji, professora de sociologia

¹⁰ Dados fornecidos pela autora na página 93.

da Universidade de York, trata de uma análise comparativa entre os conceitos atribuídos à palavra. Atualmente a ideologia é também compreendida como um sistema de crenças e ideias. Para Marx, a ideologia é uma falsa consciência produzida pelas instâncias de poder e neste sentido pode ser usada num universalismo vazio metafísico ou de abstrações racionais, tal como na ideia de “essência”. Na Ideologia Alemã, também há a demonstração do processo de produção através do silogismo.

A questão é que a ideia harmoniza diversas e contraditórias ideias e atividades em estereótipos tal como os usos paradigmáticos da “modernidade” e “tradição”. Também seriam bons exemplos o uso dos vocábulos “brancura” ou “escuridão” pois reproduzem um discurso racializado¹¹.

O pensamento liberal é empírico e não faz distinção entre a realidade e a ideologia do patriarcado e do sexo. Neste contexto, raça e classe são igualmente entendidos como interseccionalidade sem levar em consideração a historicidade e este erro metodológico se torna uma ameaça ao projeto feminista. A consciência é um reducionismo subjetivista, seu oposto, um ponto de vista dominante estruturalista, é um materialismo objetivista.

A partir deste paradoxo, Bannerji trata da introdução tardia, no marxismo, da análise do patriarcado. Assim a emancipação social era vista como uma prerrogativa masculina e, portanto, mais fundamental para o projeto revolucionário. A problemática desta questão dualista da consciência *versus* a história constitui uma visão ideológica da sociedade, que rompe o social em fragmentos sem relações constitutivas ou essencializa a realidade e faz com que a transformação revolucionária não seja concebível. Por outro lado, a crítica da ideologia também necessita das ideias, mas essas ideias devem remeter a uma categoria de mundo sócio histórico vivenciado¹².

No capítulo sobre Imperialismo e acumulação primitiva, Judith Whitehead, professora de Antropologia da Universidade de Lethbridge, trata da acumulação por despossessão. Ela retrata a realidade da Índia durante a

¹¹ Conceitos do livro Ideologia Alemã apresentados pela autora na página 109.

¹² A autora trata novamente da abordagem relacionada às refutações a Feurbach por Marx na Ideologia Alemã.

década passada através da desapropriação de uma barragem no Oeste do país e dos processos de gentrificação em Mumbai, onde estão substituindo os antigos trabalhadores têxteis e suas famílias de seus locais de habitação informal. Todas estas mudanças foram marcadas por múltiplas formas de acumulação por diferença incluindo o gênero, as distinções tribais e de castas.

Para tratar de acumulação por despossessão, cita David Harvey¹³ que fornece talvez a revisão mais conhecida do pensamento marxista na acumulação primitiva como uma expansão do capitalismo por conta da superacumulação. Esta situação causa o barateamento da força de trabalho, matérias-primas e insumos, o capital financeiro se torna a força motriz neste processo, principalmente em regiões periféricas.

Ela cita também Silvia Federici (2012)¹⁴ que traz considerações para o gênero, através da expropriação dos poderes sexuais e reprodutivos das mulheres para a acumulação da força de trabalho. Neste contexto, os programas de ajustamento e austeridade estruturais têm afetado negativamente o trabalho reprodutivo nos países periféricos. Então há a criação de grandes camadas da população sem nenhum trabalho informal ou alternativo, em outras palavras, eles estão se tornando parte do semiproletariado¹⁵.

No capítulo sobre interseccionalidade, Delia D. Aguilar, atualmente professora aposentada da Universidade de Connecticut, questiona se a interseccionalidade seria um dispositivo heurístico ou uma metodologia, pois, atualmente tem refletido apenas a corporização da academia e da sua subserviência a um regime global neoliberal. Ela cita algumas questões importantes como a que foi trazida pela feminista Beal¹⁶, em 1969, quando traz à tona que as mulheres negras sofrem uma dupla penalização, o sexismo e o racismo, elas estão na parte inferior da precarização das relações de produção.

¹³ Harvey, David. (2003) *The New Imperialism*, Oxford: Oxford University Press and (2005) *A Brief History of Neoliberalism*, Oxford: Oxford University Press.

¹⁴ FEDERICI, Silvia. (2004) *Caliban and the Witch: Women, the Body and Primitive Accumulation*, Brooklyn, NY: Autonomedia; FEDERICI, Silvia (2012) *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction, and Feminist Struggle*, Oakland, CA: PM.

¹⁵ A expressão em Inglês é semiproletarian e consta na página 127.

¹⁶ Beal, Frances. (1970) "Double jeopardy: to be Black and female", in R. Morgan (ed.), *Sisterhood is Powerful*, New York: Vintage, pp. 340–53.

Porém, há uma preocupação com o feminismo interseccional, quando não se adequa à multiplicidade de formas nas quais as categorias de gênero, raça e classe interagem, quando a fluidez é utilizada como critério. A segunda crítica é quanto ao impulso vigoroso para as categorias sendo tratadas com importância equivalente. A terceira, mas não menos importante, é evitar qualquer vinculação ao que se chama de jogos olímpicos da opressão¹⁷, hierarquizando tais categorias.

Do seu ponto de vista, no projeto feminista, é de uma necessidade dominante uma abordagem unitária das categorias, mas quando diferentes opressões estão sob consideração, estas devem ser todas iguais na interseccionalidade (Hancock 2007)¹⁸. Yuval-Davis¹⁹ (2011) afirma que a interseccionalidade deve incluir não apenas setores marginalizados da sociedade, mas todos os membros, caso em que pode, quando totalmente desenvolvida a teoria interseccional, suplantando a teoria da estratificação das ciências sociais. Já Walby (1992)²⁰ se preocupa com os efeitos de fragmentação do pós-modernismo, mas se recusa a aceitar a estrutura totalizante do marxismo tradicional.

Uma outra contribuição teórica é feita por Carastathis (2008)²¹ na qual ela pergunta se a política de representação, da identidade ou da diferença deve ser o objetivo de uma política transformadora e postula que a subjetividade feminista só pode surgir da solidariedade. O mais importante é considerar o potencial metateórico do conceito de interseccionalidade para quebrar quadros teóricos fixos. Porém, o que tem ficado ausente nestas discussões é a referência ao capitalismo e à crise econômica de 2008.

No capítulo seguinte, Helen Colley, professora da Universidade de Huddersfield, discute a força de trabalho, considerando tanto o seu papel

¹⁷ “Oppression Olympics” foi a expressão utilizada por Hancock, A. (2007) “When multiplication doesn’t equal quick addition”, *Perspectives on Politics*, 5(1): 63–79.

¹⁸ Hancock, Ange-Marie. “When multiplication doesn’t equal quick addition”, *Perspectives on Politics*, 2007.

¹⁹ Yuval-Davis, Nira. (2011) “Beyond the recognition and re-distribution dichotomy: intersectionality and stratification”, in H. Lutz, M. T.

²⁰ Walby, Sylvia. (1992) “Post post-modernism? Theorizing social complexity”, in M. Barrett and A. Phillips (eds), *Destabilizing Theory: Contemporary Feminist Debates*, Stanford, CA: Stanford University Press, pp. 31–52.

²¹ Carastathis, Anna. (2008) “The invisibility of privilege: a critique of intersectional models of identity”, *A Multidisciplinary Journal on the Normative Challenges of Public Policies and Social Practices*, 3(2): 23–38.

dentro do sistema e também o processo de produção e reprodução. Para ela, a alienação gerada pelo trabalho emocional afeta as mulheres de acordo com a classe social e aumenta à medida em que os mecanismos institucionais procuram intensificar e regular a gestão dos sentimentos. Ela menciona Hochschild²², que defende a ideia das relações sociais patriarcais dentro do capitalismo tornarem as mulheres particularmente vulneráveis à suas pressões psicológicas.

Devido à invisibilidade de gênero, as mulheres que mostram muita evidência de seus esforços são suscetíveis aos estereótipos como inadequadas ou históricas. Para as estudiosas marxistas-feministas, a noção de trabalho deve incluir o emocional, o intelectual e o manual para mostrar a intensificação da exploração do trabalho feminino e a reprodução da exploração neste sentido.

Amir Hassanpour, pesquisadora marxista em estudos curdos, no capítulo que trata do tema do nacionalismo, faz uma crítica ao feminismo que destaca a natureza de gênero nas nações, pois negligencia a luta classista de natureza transnacional. O marxismo, no processo revolucionário, visa a eliminação das classes para uma sociedade comunitária, na qual haverá o desmantelamento de nações. Em contraste com a agenda política do feminismo liberal, as mulheres socialistas simbolicamente quebraram as fronteiras do Estado-nação, quando em 1911, lançaram o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher Trabalhadora.

Outra preocupação é que, no feminismo pós-estruturalista, o antiessencialismo restringe a participação na luta política embora permita uma margem de atuação através de uma aliança temporária, mas estratégica. O pós-estruturalismo unifica contradições dialéticas com dualismos e apresenta o outro lado, o particular, como universal (página 162).

Kumkum Sangari, professora de língua inglesa e humanidades com foco sobre a Ásia, aborda o capítulo sobre patriarcado/patriarcados, através de sua experiência na Índia. Ela defende uma compreensão do novo ao abranger casta e a constituição colonial de patriarcados incorporados em outras

²² Hochschild, Arlie. (2001) "The nanny chain", *American Prospect*, 19 December, prospect.org/article/nanny-chain.

estruturas, instituições e práticas políticas, sociais, culturais e religiosas. É um ponto de vista que contrasta a visão das feministas radicais, na qual o poder masculino sobre as mulheres compreende uma opressão universal e ocorre principalmente através de sexo biológico e sexualidade, incorrendo no biologismo e compreensão distorcida da classe.

Assim, para Sangari, sexo não pode indicar a totalidade de um sistema patriarcal e suas imbricações estruturais. Além disso, a classe é fundamentada na economia, o gênero é um discurso sobre o sexual e as diferenças biológicas enquanto etnia refere-se a discursos sobre a exclusão e inclusão.

Para a autora, na reprodução das relações de produção, a expropriação de recursos sugere uma interpenetração das práticas coloniais e a racialização da divisão do trabalho. As mulheres enfrentam os tipos diferentes de opressão, a casta pode ser aproveitada como uma categoria que paradoxalmente desmantela a categoria unificada "mulheres", bem como a reconstitui através de relações patriarcais de desigualdade estruturada, este é o paradoxo da questão.

Para ela, o termo patriarcado evoca retoricamente mulheres como uma categoria, mas na verdade não é o patriarcado uma categoria ontológica, mas sim sistemas patriarcais com práticas de opressão. No caso de imigrantes, por exemplo, a reestruturação de suas famílias em países ocidentais representa também um fator de acumulação de capital global e familiar do estado neoliberal imperialista.

Michelle Murphy, professora de História e Estudos de Gênero da Universidade de Toronto, trata do capítulo sobre reprodução, aprofundando o conceito, pois o capitalismo também se baseou na própria incorporação das mulheres, seus seios, ventres, sentimentos e da sua vitalidade corpórea, para criar futuros trabalhadores. A marxista feminista Selma James (2012)²³ cunhou o termo trabalho não remunerado para descrever a desvalorização do trabalho reprodutivo, mostrando criticamente como a reprodução da vida é constituída pelas mulheres através dessa exploração.

Neste sentido, as relações de produção precisam ter novas leituras que

²³ James, Selma. (2012) *Sex, Race, and Class: The Perspective of Winning, a Selection of Writings from 1952–2011*, Oakland, CA: PM.

evidenciem como a vida das mulheres pode ser simultaneamente promovida e abandonada através destas múltiplas e contraditórias relações. Este ciclo gera relações de distribuição de violência e geração de valor em vida para a biotecnologia que não inclui uma redistribuição às mulheres que contraditoriamente geram a vida.

Maryan Jazayeri, pesquisadora e ativista no movimento comunista do Irã, no capítulo sobre revolução, discute o feminismo a partir de manifestações contemporâneas como a Primavera árabe e os movimentos anti-austeridade na Europa, nos quais tornou-se um vocábulo popular e universal. A própria fusão do marxismo com o feminismo foi a intenção de superar o particularismo de gênero. Porém, na maioria das vezes, foi transformado em reducionismo de classe, mas deveriam ser conceitos entrelaçados, pois cada relação de poder opressiva e modo de exploração estão inseridos num sistema universal. A classe capitalista controla a propriedade privada e os meios de produção, as classes estão envolvidas no modo capitalista de produção e o capitalista e o proletariado são dois pólos antagônicos na luta de classes.

Para a autora, as pessoas estão enfrentando o horror da expansão do capitalismo, em vez de derrotismo, há uma necessidade de uma séria luta com paradigmas revolucionários. Não se pode recorrer à distorção do conceito marxista de ditadura do proletariado, desprezado por muitas feministas, acadêmicos, ativistas de esquerda e também usado pela burguesia para descrever Marx como sendo brutal. Na verdade esta distorção teórica está longe de ser uma avaliação objetiva e honesta da teoria revolucionária de Marx.

A verdade histórica descoberta e conceituada por Marx e Engels é que o Estado em todas as formas é senão a ditadura de uma classe sobre as outras classes. Isto só pode significar um novo tipo de regra política que visa a abolição do estado ou ditadura de classe para sempre. Uma pesquisa honesta e objetiva da verdade sobre essas revoluções vai mostrar que, nessas sociedades, as revoluções duraram apenas algumas décadas e, apesar de todas as suas falhas, foram incomparáveis com a ditadura do capital. Essa reflexão vai claramente enfrentar as calúnias que os centros ideológicos da ordem capitalista criaram a partir do século XX.

Cyntia Cockburn, professora visitante em Sociologia da Universidade de Londres, aborda o capítulo sobre a teoria da perspectiva, iniciando uma crítica a Lukács²⁴ e Gramsci²⁵, por a conceberem sob o ângulo do proletariado. Ao contrário dos homens, a vida das mulheres é institucionalmente definida pela produção de valores de uso no trabalho doméstico. O problema da perspectiva é que, em sistemas caracterizados pela dominação de um grupo sobre o outro, a visão de cada um será uma inversão da outra.

Teresa L. Ebert, professora de Teoria Cultural na Universidade de Albany, finaliza o livro com o último capítulo denominado “Epílogo: gênero depois da classe”, iniciando a abordagem do feminismo contemporâneo como lúdico, tema de um livro de sua autoria. O feminismo lúdico é, em grande parte, indiferente à prática materialista sob o capitalismo, como o trabalho, que molda as estruturas sociais da vida cotidiana. Para ela, tal corrente reduz a teoria em performatividades, retirando a análise crítica do trabalho. Além disso, não pode explicar a exploração material, que é a causa motriz da globalização e transforma as relações de produção numa questão local de gênero, afinal, torna-se uma atribuição da performatividade da linguagem.

Como podemos reinterpretar o patriarcado capitalista através de uma análise completa do racismo, do colonialismo e do imperialismo? Como é que uma conceituação marxista-feminista nos permitirá desenvolver uma compreensão feminista revolucionária que contraponha a imprevisibilidade do capitalismo? São questionamentos presentes neste livro e trazem uma discussão importante também sobre a utilidade da síntese entre o marxismo e o feminismo ou uma avaliação estratégica da divisão entre ambos levando em consideração a historicidade dos fatos.

As autoras selecionadas têm diversas origens e perspectivas incluindo as não ocidentais e a internacionalização é fundamental na teoria marxista. Além disso, a autora utilizou conceitos da teoria social e política que são tradicionalmente importantes na análise do materialismo histórico.

²⁴ Lukács, György. (1983) *History and Class Consciousness*, Cambridge, MA: MIT Press.

²⁵ Gramsci, Antonio. (1985) *Selections from Cultural Writings*, ed. D. F. Forgacs and G. Nowell-Smith, Cambridge, MA: Harvard University Press.